

## **Ciranda de pobres homens: uma leitura de *Os Ratos***

*Fábio Henrique Passoni Martins*

### **Resumo**

Dyonélio Machado integra o grupo de romancistas cujas obras a historiografia literária classifica “Romances de 1930” não porque muitas de suas narrativas foram produzidas no correr dessa década, a exemplo de outros romancistas, antes, porque a obra de estreia, impactante desde o princípio, *Os ratos*, representa um ponto alto no conjunto da produção desse autor e da década sobre o qual, entre os produzidos no decênio, diz-se romance social ou empenhado, por oposição a um outro segmento designado por romances psicológicos ou intimistas, produzidos na mesma época. O desenho do círculo além de varejar no entrecho, entra para a forma condicionando a estrutura circular d’*Os ratos* contempla o exercício por Naziazeno de papéis sociais alternados - mas sempre vinculados à carência material, com ponto de partida nos papéis de pai de família e marido, e nesses 360º passa pelo de funcionário público, pelo de homem livre e pobre subordinado à cordialidade e ao favor, pelo de contraventor no bicho e na roleta, pelo vendedor vidros, pelo amigo por quem se mobiliza a “mole” de amigos composta por Duque, Alcides e Mondina, todos pertencentes às bordas do mundo institucionalizado. O círculo vai se desenhando tendo como moldura a trajetória do dinheiro que permitiu a continuidade do fornecimento de leite. O dinheiro tão perseguido, no entanto, (mais propriamente, a sua falta ou expectativa de obtenção, somente ao final do périplo do grupo, e do protagonista, é que aparece sob a forma de circulação monetária (metálico ou cédula), através de Mondina que o repassa a Duque e esse o reparte com Naziazeno pois todas as outras representações e transações de valores se fundam no que tecnicamente se chama de “capital fictício” (cauteladas de empenho, promissórias e congêneres) em um sistema operado repetidamente na mais completa informalidade. Na constituição formal d’*Os ratos* importa notar que, longe de duplicar a matéria histórica que lhe era contemporânea, a “realidade social historicamente localizada”, o romance operou não com o espelhamento mas com a “formalização ou redução estrutural dos dados externos” de um momento histórico que se de um lado, buscava atualizar a vida nacional em suas várias esferas, por outro, refazia um traçado de manutenção de desigualdade ou de não integração de parcelas substantivas à ordem, esse mesmo romance configura formalmente as vicissitudes da especificidade no que ela teve de modernização conservadora pretendida a partir da Revolução de 1930, perfazendo um desenho circular na reposição de vicissitudes históricas.

### **Palavras-chave**

Dyonélio Machado; *Os ratos*; romance de 30

---

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Literatura do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas-FFLCH-USP, professor de literatura para Ensino Médio. E-mail: prof.passoni@gmail.com.

“Lhe dou mais um dia”. Essa é a sentença do leiteiro em tom de ameaça, reproduzida pela mulher do protagonista Naziazeno Barbosa em discurso direto e num presente muito próximo ao de sua enunciação, que dá início ao móvel da obsessiva busca pelos 53 mil reis d’*Os ratos*<sup>2</sup>. É a necessidade não ter interrompido o fornecimento do leite, trazida ao leitor pela dramaticidade e argumentos de uma mãe angustiada ante um marido e pai disposto à conformar-se às privações, declarando que “uma criança” - Mainho, o filho de quatro anos - “não pode passar sem leite”<sup>3</sup>. A iminência da falta substantiva do leite é que compele Naziazeno a perambular pela cidade de Porto Alegre a fim de conseguir o dinheiro contado nessa cifra. Esse é o *leit motif* do enredo, funcionando como travação à uma bem armada estrutura toda ela convergente a esse bloco metonímico de pessoa e tempo, “verdadeira obsessão” do protagonista: *o leiteiro, o leiteiro, “Lhe dou mais um dia”!*<sup>4</sup>

O relato dessa busca incessante por dinheiro traz a patente de composição modernista: vazado em uma linguagem dessubstancializada, demonstra a rotinização dos procedimentos e das conquistas formais asseguradas pelo primeiro modernismo e o seu projeto “estético de vanguarda” em uma forma que permitiu, nesse segundo momento, que a “escrita de um Graciliano Ramos ou de um Dyonélio Machado (...) pôde ser aceita como ‘normal’ porque a sua despojada *secura* tinha sido também assegurada pela libertação que o Modernismo efetuou”<sup>5</sup>.

O enredo perfaz um dia na vida desse pobre-diabo transcorrido no tempo de 24 horas, aberto na manhã de um dia já marcado pela ameaça de corte pelo leiteiro, e fechado na manhã do dia seguinte, quando Naziazeno ouve “que lhe despejam *festivamente* o leite”<sup>6</sup>. Esse mesmo gesto de entregar (furiosamente talvez) o leite pode ser presumido,

---

2 MACHADO, Dyonelio. *Os ratos*. São Paulo: Edições Planeta do Brasil, 2010. A partir daqui as páginas da obra apenas serão indicadas entre parênteses, as citações de trechos do romance em todo o trabalho se referem a esta edição.

3 p.08

4 p.18

5 CANDIDO, Antonio. “A revolução de 1930 e a cultura”. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 186.

6 p. 180, grifo meu.

por que é contíguo antecedente em minutos ao “pega” entre o leiteiro e Naziazeno (resultante em ameaça de corte do fornecimento de leite). O próprio pega (desentendimento), por sua vez, apenas referido desde a primeira linha de *Os ratos*, atrás em talvez fração de minutos em relação ao presente da narrativa o leitor é remetido através dessa atualizado pela flexão verbal no pretérito através do ponto de vista de um narrador observador rente ao ponto de vista da personagem (através do recurso técnico do discurso indireto livre), e pela garantia de fidelidade do discurso direto enunciado pela esposa Adelaide (“eu ouvi bem”) reproduzindo e emoldurando fala do leiteiro (“Lhe dou mais um dia!”)

Nessa incessante jornada de buscar o dinheiro encetada pelo protagonista, surgem elementos incidentalmente paralelos à ação principal, oferecendo-se como quadros internos ao relato de um drama individual ou miúdo, tal qual a consolidação de um estado totalitário na Alemanha no plano político internacional; ou, localmente, como a nacionalização das Zonas Coloniais no Rio Grande do Sul; enquanto, por outro lado, esse mesmo romance configura formalmente desenho circular de elementos estruturais de tempo, espaço e personalizada no sempre o mesmo destino dos pobres-diabos, revelando as vicissitudes da Revolução de 1930 no que ela teve de modernização conservadora, enquanto material histórico que lastreia o romance.

As necessidades que acoissam Naziazeno assumem o dinamismo de moto contínuo. Nesse dia, é a vez do leiteiro, mas fica-se conhecendo que há saldos devedores por Naziazeno Barbosa que se distribuem como nos diversos segmentos desse tracejado de pobreza e remediação por diversos expedientes marginais que desenha a vida dele próprio e de seus amigos, solidários à sua busca, Alcides, Duque e, casual mas decisivamente, Mondina) homens que, ao seu modo, tanto quanto o protagonista, constituem fio dessa franja de sujeitos que orbitam perifericamente à uma determinada ordem.

Murilo Marcondes de Moura em um ensaio muito sugestivo sobre *Os ratos* traduz a pressão do *leitmotif* através do adágio o qual “tempo é dinheiro”<sup>7</sup> e, tendo em

---

7 MOURA, Murilo Marcondes de. “O círculo da necessidade, apontamentos para a leitura de ‘Os ratos’”. *Ficções*. Rio de Janeiro, n<sup>o</sup> 03, pp.94-106, 1<sup>o</sup> sem. 1999.

vista também que o objeto buscado é dinheiro, entende “a reificação como uma das chaves de leitura do romance.”<sup>8</sup> A forma básica circular ou esférica do trecho e a concentração e economia de elementos estruturais são tributadas à gênese da composição, uma vez que fora pensado “como um conto inicialmente, a economia de meios persistiu na forma final do romance (novela, para alguns), transformando-se em qualidade essencial da narrativa”<sup>9</sup>.

O mais sugestivo desse ensaio, é que seu autor explora a “forma básica – do círculo ou da esfera – capaz de articular as diferentes imagens do livro”<sup>10</sup>, a exemplo do tempo assinalado pelo signo da forma básica, como relógio, sol, caras redondas; o dinheiro (a moeda), objeto de perseguição do protagonista também enformado em analogias da circularidade<sup>11</sup>.

Esse desenho do círculo entra para a forma condicionando a estrutura circular d’*Os ratos* contempla a representação também do exercício por Naziazeno de papéis sociais alternados - e sempre vinculados à carência material. Com ponto de partida nos papéis de pai de família e marido e, nesses 360°, passa pelo de funcionário público, pelo de homem livre e pobre subordinado à cordialidade e ao favor, pelo de contraventor no bicho e na roleta, pelo vendedor vidros, pelo de amigo por quem se mobiliza a “mole”, pelo de herdeiro de carências supridas pela fé da religiosidade popular e outros, fechando-se o círculo com a necessidade suprida. A necessidade é o continuum que move esses homens. O círculo vai se desenhando tendo como mão que segura o compasso a trajetória do dinheiro (ou, antes, da falta dele) que permitiu a continuidade do fornecimento de leite.

Chama atenção, no entanto, que somente ao final do périplo (e quase ao fim do

---

8 Idem ibidem, p. 97.

9 Idem ibidem, p. 94.

10 Idem ibidem, p. 94.

11 Moura ainda faz uma espécie de recensão desses das ações dos objetos redondos, circulares, curvos presentes no trecho dos quais extrai significados metafóricos. Uma listagem rápida a partir das menções do autor resultam, como elementos circulares (ou esféricos) disseminados por todo o romance: a translação de 24 horas do tempo cronológico, o relógio, as moedas e níqueis, o trabalho repetitivo de Naziazeno, o *betting* (corrida de cavalos), o relógio, os rostos e caras, os olhos, o sol, a ronda pelos cafés e agiotas, a roda da roleta e as suas fichas associadas a bolachas, a volta dos jogadores em torno da mesa da roleta, o movimento de giro com que o garçom limpa a mesa do café, o cilindro do açucareiro, o pires, a bandeja, o anel, o crânio, o rolinho de dinheiro, o círculo de luz amarela do lampião.

romance) é que alguma cifra aparece sob a forma de circulação monetária (metálico ou cédula), saltando em espécie das algibeiras de Mondina, que toma empenhado o anel de bacharel do parceiro de grupo, Alcides. Até então, as investidas na obtenção do dinheiro foram todas geradas em representações de capital fictício em sistema informal “de crédito”, ou lances de sorte havidos na mais completa informalidade. São agiotas, corretores de carros ou imóveis, penhoristas, biscates, baixos funcionários públicos que ambulam pelo centro da Porto Alegre nessa primeira metade dos anos de 1930 e se alternam nos diferentes momentos do enredo na composição desse quadro de personagens ao redor de Naziazeno que vivem praticamente da especulação.

Dessa forma, o trecho que foi todo pontuado pela recorrente precariedade da subsistência material do protagonista (bem como a dos demais personagens) manifesta desde “quando menino”, lá na sua cidadezinha, onde “só os ricos comiam manteiga”, passando pelo presente do adulto, tempo em que, além do leite, surgem outras tantas necessidades, ante as quais a esposa afasta a inverdade de que sejam “esbanjamento” é também marcado pela “antecipação de lutas futuras”, na infinitude de um horizonte pessoal embaciado, com direção certa apenas quanto à reposição, em movimento círculo-espiral, de já conhecidas ou futuras carências.

No segmento desse um dia em que se passa a ação do romance é somente na passagem final, última linha do texto e manhã do dia seguinte, em que Naziazeno ouve o despejar “festivo” do leite, e a lúgubre jornada tem fim. Nem mesmo após Naziazeno ter obtido a soma, na boca da noite desse primeiro dia, e já estar em casa para se chegar ao sono tão necessário, o protagonista deixa de ser acometido pela tensão, pois “[...] *Precisa dormir, precisa descansar* [...] um cansaço tão grande, e não conseguir conciliar o sono” (p. 49, grifos meus). Nas alternâncias entre sono e semivigília, sobrevém-lhe um pesadelo no qual ratos consomem o dinheiro do pagamento, colocado sob a vasilha para o leite da manhã, reabilitando, ainda quando da soma conquistada, o martírio da sua inadimplência.

É como se o desfecho falseasse a resolução da tensão progressiva havida há

algumas horas, e recolocasse o estado de inadimplência; só que dessa vez não aponta em direção a “lutas futuras”, ante as quais com maior ou menor ingenuidade Naziazeno, a despeito do “cansaço” dessa prospecção (p.156) se investiria de alguma esperança e, essa esperança, em mais uma volta, seja contra-atacada por novos “apertos”, dos quais não será salvo pelo parco salário, mas pelas transações informais, pela solidariedade de amigos à margem do institucional e sempre de predicados especulativos e usurários.

Embora o romance flagre um tempo histórico em que o trânsito de títulos representativos de capitais vincado pela contrapartida - necessária para alguns - da especulação e do dinheiro originado por meio escusos fosse mínimo (e mera contravenção se comparado às operações presididas pelo capitalismo financeiro e pelos crimes caixa dois que financiam grandes articulações governamentais dos dias de hoje), *Os ratos* traz como constitutivo de sua estrutura essa circulação do capital, em sua representação fictícia, às margens da ordem. As tensões decorrentes da lógica do lucro e da acumulação de um capitalismo dirigido pela especulação tomam corpo no romance através da concentração máxima de elementos estruturais de tempo e espaço. A circularidade de *Os ratos* parece apreender a dinâmica da circulação de riquezas e intuir um movimento que, em escala global, perfaz uma trajetória desenhada por um círculo. Não é por outro motivo que a realidade da descrição desse movimento vazou na linguagem corrente dos jornais em “realidade corpórea e não-estética”<sup>12</sup> – conforme formulou Adorno retomando o escritor Karl Kraus - a expressão *ciranda financeira*.

Na constituição formal d’*Os ratos* deve-se notar que, longe de duplicar a matéria histórica que lhe era contemporânea, a realidade social e historicamente localizada, o romance operou não com o espelhamento mas com a “formalização ou redução estrutural dos dados externos” de um momento histórico que, se de um lado, buscava atualizar a vida nacional em suas várias esferas, por outro, refazia um traçado de manutenção de desigualdade ou de não integração de parcelas substantivas à ordem, perfazendo

---

<sup>12</sup> ADORNO, Theodor W. “Posição do Narrador no Romance Contemporâneo” (trad. Jorge de Almeida). In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2003. p. 55-63.

um desenho circularidade de vicissitudes históricas que, mais do que farsa, resulta em tragédia.

## Referências bibliográficas

ADONIAS FILHO. *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.

ALBÉ, Maria Helena. *Uma leitura de Os ratos de Dyonélio Machado*. 1983. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre.

ARRIGUCCI JR. Davi. “Posfácio”. In: MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Planeta, 2010.

BOSI, A. *A trilogia da libertação*. São Paulo: Ática. 1989.

FINAZZI-AGRÓ, Ettore. “A cidade obsessiva em *Os ratos*”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. pp.107-117.

\_\_\_\_\_. (Posfácio) :”Ratage: O “trivial dramático” em *Os ratos* de Dyonelio Machado.” In: MACHADO, D. *Os ratos*. Lisboa: Cotovia, 2005. pp.157-170.

GAGLIETTI, Mauro. *Dyonelio Machado e Raul Pilla: médicos na política*. Porto Alegre: Edipucers, 2007.

LINS, Álvaro. “Romance e Técnica”. In: *Jornal de Crítica - folhetins semanais de crítica literária publicados no Correio da Manhã ( 3ª série)*. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1963. pp.95-105, capítulo VIII.

MASSI, Augusto. Memórias do autor passam despercebidas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 dez 1991, Letras, p. 61.

MOURA, Murilo M. de. “O círculo das necessidades (apontamentos para uma leitura de *Os Ratos*)”. *Ficções*, n.03, 1999.

PAES, José Paulo. “O pobre diabo no romance brasileiro”. In: *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. pp.39-61.

PASSOS, Cleusa. A obsessão miúda em *Os ratos* de Dyonélio Machado. *Língua e literatura – revista dos Departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*. São Paulo, ano XIV, v. 17, pp. 123-142, 1989.



VELLINHO, Moysés. “Dyonélio Machado – do conto ao romance”. In: *Letras da Província*. Porto Alegre: Livraria do Globo.1944.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. *História e literatura: a Porto Alegre dos anos 30 a partir de “Os Ratos”*. Bauru: Ed. Universidade Sagrado Coração, 1995.

ZAGURY, Eliane. “A novela clássica do modernismo brasileiro”. In: *A palavra e os ecos*. Petrópolis: Vozes, 1971. pp.11-19.

ZILBERMAN, Regina. *Roteiro de uma literatura singular*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGUS.